

Recepção do mundo epistémico da Antiguidade na historiografia Renascentista (*performance* humanista): as *Collectaneas* e os *loci communes*

ANA ISABEL CORREIA MARTINS
Universidade de Coimbra
Portugal

RESUMO. O Renascimento revaloriza os pressupostos da Antiguidade, num processo de *imitatio* em que recupera códigos e actualiza matrizes estético-literárias. O Humanismo quinhentista exibiu o seu máximo fulgor nas aspirações morais, problematizações filosóficas, aliadas a um laborioso e escrupuloso trabalho filológico de tradução e análise dos clássicos. Os humanistas, apercebendo-se do potencial desta *uox universalis* ao serviço da *performance* pedagógica, imprimem uma nova concepção historiográfica, central na *Ratio Studiorum* e na difusão das *litteris humaniores*. Proliferam por toda a Europa colectâneas, um género fértil não só pelo seu carácter enciclopédico, pois organiza e compagina o legado clássico em *loci communes*, mas também porque giza a educação integral do indivíduo. Refinando a nossa análise, devemos ainda reconhecer que na historiografia renascentista tece-se uma (inter)dependência entre retórica e a dialéctica, que se consubstancia e funde na *res et uerba*, o programa do humanismo filológico.

PALAVRAS-CHAVE. *Imitatio*; *performance* retórica; *loci communes*; princípio filológico; *res et uerba*.

The word Renaissance indeed is now generally used to denote not merely that revival of classical antiquity, which took place in the fifteenth century and to which the word was first applied, but a whole complex movement of which that revival of classical antiquity was one element or symptom [...] has much wider scope, is a general stimulus and enlightening of the human mind.¹

Email: anitaamicitia@hotmail.com

À minha orientadora Nair N. C. Soares por me revelar, diariamente, a semântica da palavra humanismo.

¹ W. PATER, *Studies in the History of the Renaissance*, MacMillan and Co, London, 1873, p xii.

W. Pater dá-nos o mote e a consciência segura de que delinear os contornos do termo Renascimento e apurar o seu significado revela-se um desafio tão complexo quanto sedutor. Assim, para percebermos de que forma se dinamiza esta recepção do mundo epistémico da Antiguidade e de que forma se consubstancia na produção e performance humanistas devemos, numa primeira leitura: (i) estruturar determinados conceitos nodais como a *imitatio*, definindo quais os paradigmas e matrizes envolvidos neste processo; (ii) observar de que forma esta recepção do mundo epistémico clássico se articula com o mérito e inovação humanistas. Na senda das palavras preconizadas por Terence Cave, ‘la théorie de l’imitation se manifeste elle aussi comme une pluralité de voix, dont chacune tente de se différencier au sein d’un espace textuel prescrit’². Numa segunda fase e já com um breve enquadramento histórico-cultural, estaremos aptos a caracterizar a historiografia humanista e o papel da disciplina da história na pedagogia renascentista. Refinando a nossa análise, devemos ainda reconhecer a (inter)dependência da retórica e da filosofia, neste programa propedêutico e na génese e produção literárias nas quais o humanismo filológico funde a *res et uerba*.

A premissa catalisadora radica nessa complexidade histórico-filosófica, nas controvérsias retórico-argumentativas, nos movimentos estético-literários, nas dinâmicas pedagógicas e em muitas outras dialécticas de continuidade e ruptura que se desdobram e se multiplicam³ neste período florescente. O movimento humanista de Quinhentos tem como motor central e princípio regulador o revivalismo do mundo epistémico da Antiguidade, a *imitatio* e *aemulatio* das suas matrizes. Assim, para identificar as raízes estético-ideológicas do Renascimento e para caracterizar a produção humanista, temos de (re)conhecer a presença e o significado da história da cultura clássica, assim como a projecção dos seus fundamentos teóricos neste período radiante, em que a *dignitas hominis*⁴ se assume

² TERENCE CAVE, *Cornucopia – Figures de l’abondance au XVI siècle: Érasme, Rabelais, Ronsard, Montaigne*, Macula Collection Argô, Paris, 1997, p. 63.

³ Cf. J. BURCKHARDT, *The Civilization of the Renaissance in Italy*, New York, Harper Torchbooks, 1958; WALLACE K. FERGUSON, *The Renaissance in Historical Thought*, Boston, 1948; W. BOUWMSA, *The Interpretation of Renaissance Humanism*, Washington, 1959; P. O. KRISTELLER, *Studies in Renaissance Thought and Letters*, Rome, 1956; B. L. ULLMAN, *Studies in the Italian Renaissance*, Rome, 1955.

⁴ No curso do século XV a dignidade do homem foi um *topos* recorrente e de eleição entre os humanistas. A este propósito ver NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, ‘A Historiografia do Renascimento em Portugal: Referentes Estéticos e Ideológico Humanistas’, in *Aquém e Além da Taprobana, Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Centro de História de Além-Mar, Lisboa, 2002; NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, ‘Huma-

vector central do pensamento. Paul Oskar Kristeller aponta, como principais linhas de força do movimento humanista, a tradição aristotélica e platónica, a pervivência do paganismo e do cristianismo e, ainda, como elo de coesão entre as anteriores, a filosofia do homem⁵. O revivalismo pelas formas e padrões dos autores clássicos é impulsionado pela sublimação estética do humano, na vida interior e exterior ao homem renascentista, no seu esforço prometeico e incessante de superação e realização antropológicas. O homem é a medida de todas as coisas e a partir dele tudo se afina, ajusta e redimensiona, numa cosmovisão onde a moral tem primazia.

No século XVI na Europa, o Humanismo exibiu o seu máximo fulgor nas aspirações morais, problematizações filosóficas, aliadas a um laborioso e escrupuloso trabalho filológico. Esta empresa foi levada a cabo por muitos humanistas por toda a Europa, que se dedicaram à tradução e comentário dos textos dos autores clássicos, acreditando que só através do trabalho directo com as fontes o conhecimento seria rigoroso, profícuo e apurado. Os humanistas cedo se aperceberam do potencial desta *uox universalis* ao serviço da *performance* pedagógica e imprimem, por isso, uma nova concepção historiográfica, que assume uma posição central na *Ratio Studiorum* e na difusão das *litteris humaniores*. A historiografia converte-se, assim, numa disciplina (per)formativa, num repositório de memórias e de *exempla*, que não só informam e disponibilizam a tradição retórica como também se impõem como suporte a novos horizontes científicos e moldam novos modelos ideológicos. Aduz-se ainda nestas matrizes humanistas a crença na pedagogia, a esperança no ensino e na educação da virtude, que orientará o homem na sua integralidade, na consciência dual do corpo e espírito⁶, da dimensão ontológica do vício e da virtude e axiológica do bem e do mal.

Ainda nos finais do século XIV e durante todo o século XV, o termo *studia humanitatis*⁷ difundiu-se, tacitamente, por empréstimo de Cícero e

nismo e História: ars scribendi e valor do paradigma, Máthesis 1 (Separata), Universidade Católica Portuguesa, 1992; E. GARIN, *La dignitas hominis e la letteratura patristica*, La Rinascita 1(4), 102-146, 1938.

⁵ PAUL OSKAR KRISTELLER, *Renaissance thought: the classic, scholastic and Humanist Strains*, New York, Harper & Brothers, 1961, pp 92-120; E. CASSIRER, P. O. KRISTELLER, and J. H. RANDALL (eds.), *The Renaissance Philosophy of Man*, Chicago, 1948.

⁶ Reequaciona-se a antinomia debatida no século V em Atenas da *nomos e physis* integrada numa educação ternária entre a *natura, ars e studio*, que remonta aos pré-socráticos. O homem acede desta forma ao conhecimento da verdadeira *sapientia*, que se identifica com o saber agir em conformidade com os padrões éticos da moral helenística e cristã. Ver NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *Um ideal Humano: política e Pedagogia no renascimento Português*, Humanitas (Coimbra), *separata*, 1990.

⁷ Ver A. CAMPANA, *The origin of the word Humanist*, Journal of the warburg and Courtauld

de outros escritores antigos. O programa incidia nos campos estruturantes da gramática, da retórica, da poesia, da história e da filosofia moral⁸, acompanhado pelos *exempla auctorum* dos textos gregos e latinos. Desta forma, o humanismo renascentista apresenta o seu programa cultural e educativo, na esteira de uma ampla área de estudos e cujos princípios reguladores são a harmonização dos princípios greco-latinos com a ética cristã, consolidados nesta complementaridade da *humanitas* e da *pietas*. A filosofia moral tornou-se um dos traços mais característico deste programa e da vida intelectual, passível de ser entendida através da aquisição linguística e de competências interpretativas da mensagem das obras dos autores clássicos. Esta componente retórica alia consigo uma vertente oratória, que se distingue pela *nobilitas morum* do homem, tecitura que reveste os parâmetros da tratadística europeia⁹. O paradigma propedêutico da *Ratio Studiorum*, assente na matriz retórica de Cícero e na máxima quintiliana *uir bonus dicendi peritus*¹⁰, prima pela conjugação da sabedoria e da eloquência, pela concepção antropológica plena – a simbiose da linguagem, acção e afectos.

A teorização retórica renascentista vem questionar muitos constructos herdados, derrogar alguns traços e intensificar outros, gerar e promover novas relações epistémicas, repensar os seus domínios e permeabilizar-se por campos da dialéctica e da filosofia¹¹. Na verdade, a questão matricial, no estudo da retórica, prende-se com os seguintes aspectos¹²: (i) o diálogo aceso entre a retórica e a literatura latina; (ii) a dependência da disciplina com a dialéctica – da qual R. Agricola no seu *De inventione dialectica* e Erasmo de Roterdão no *De copia* são exemplos paradigmáticos –; (iii) a classificação em três géneros dos *corpora* retóricos em textos

Institutes 9, 60-73, 1946.

⁸ P. OSKAR KRISTELLER, 1961, pp. 110-162; Cf. P. OSKAR KRISTELLER, *Renaissance concepts of man and other essays*, First Harper Torchbook edition, Toronto, 1972, p.7: ‘The fact that the term humanities was applied to these subjects (and even for this there was some ancient precedent) expresses the claim that these studies are especially suitable for the education of a decent human being and hence, are, or should be, of vital concern for man as such’.

⁹ Ver E. GARIN, *L'éducation de l'homme moderne : la pédagogie de la Renaissance 1400-1600*, Fayard, Paris, 1968.

¹⁰ Quintiliano, *Inst. Orat.* 12.1.1.

¹¹ ANÍBAL PINTO DE CASTRO, *Retórica e teorização Literária do Humanismo ao Neoclassicismo*, Centro de Estudos Românicos, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2008.

¹² L. GREEN and J. MURPHY, *Renaissance Rhetoric Short Title Catalogue*, Ashgate, 2006; J. MONFASANI, ‘Humanist Rhetoric’, in A. RABIL (ed.), *Humanism (PA, 1988) III*, pp 171-235; T. CONLEY, *Rhetoric in the European Tradition*, NY, 1990, pp 109-62, 182-6; B. VICKERS, *Epidectic and Epic in the Renaissance*, *New Literary History* 14, 497-537.

epistolares, textos de pregação ou doutrinários, textos de tropos e figuras; iv) influência de *Copia* nos tratados retórico-pedagógicos.

Terence Cave¹³, num trabalho sistemático sobre o humanismo filológico, faz uma síntese primorosa do desenvolvimento da retórica e da poética no Renascimento e analisa conceitos radiais de *copia* e *cornucópia*, com os seus desdobramentos pelos processos de *imitatio*, *interpretatio* e *amplificatio*. O conceito *copia* apresenta, desde logo, um duplo sentido: de imitação e de abundância¹⁴. Estas figuras de abundância permeabilizam-se por vários domínios da produção textual, garantem a difusão do princípio filológico da *res et verba*, do conteúdo indissociável da sua forma. Assim, este conhecimento enciclopédico vai ser organizado em *loci communes* e formaliza-se em *sententiae*¹⁵, com o principal intuito de se dispor ao serviço da formação moral do indivíduo. A *res* era abarcada, assim, pela *copia argumentorum* e pela *copia exemplorum* ou ainda pela *copia sententiarum*, articulando-se num domínio da *inventio*. Por outro lado, a *verba* apresenta as suas valências ao nível dos tropos e das figuras verbais na expressão da *elocutio*. *Copia rerum* e *copia verborum* tornam-se indissociáveis no processo de escrita e invenção humanistas, estruturantes nas seis partes do discurso: *exordium*, *narratio*, *divisio*, *confirmatio*, *confutatio*, *conclusio*:

les moyens d'acquérir la *copia* sont ici naturalisés dans un discours continu, infiniment extensible, qui laisse proliférer les *verba* pour découvrir d'éventuelles *res* [...]la variété est le principe directeur: l'abondance des textures et des couleurs rhétoriques va de pair avec la diversité des matériaux ou des *topoi*.¹⁶

¹³ 'The doctrine of *copia* teaches writers to add detail to descriptions and fullness of incident to narratives. It encourages writers to multiply questions, to add further arguments and propositions. Although *copia* is presented as na ideal of style, many of the techniques which Agricola recommends for achieving *copia* are derived from dialectic. Taken together Agricola's accounts of amplification and *copia* constitute a major source for Erasmus's *De copia* (1512), perhaps the most influential rhetoric textbook of the sixteenth century', TERENCE CAVE, 1997.

¹⁴ In latu sensu: *copia* (subs) < cum+ops: abundância, riqueza, recursos, quantidade, meios; *copiose* (adv.) na retórica com o sentido de eloquente, provido de palavras e de estilo; *ops opis*, s.f.: poder, força, meios, riqueza na sua extensão semântica.

¹⁵ Ver ROLAND BARTHES, 'Littérature et discontinu', *Essais critiques*, Paris, 1964, p. 175-187; ROLAND BARTHES, *Le degré zero de l'écriture*, Paris, 1972; LUCIEN DÄLLENBACH, *Intertexte et autotexte*, Poétique 27, 282-296, 1976; M. RIFFATERRE, 'Fonction du cliché dans la prose littéraire', *Essais de stylistique structurale*, Paris, 1971, p. 171 e sqq.

¹⁶ TERENCE CAVE, 1997, p. 281.

Os humanistas formaram os seus pupilos num programa de educação integral¹⁷, dependente desta articulação entre a filosofia, a eloquência e a história, privilegiando o contacto com as línguas clássicas e a aprendizagem directa a partir das fontes, como já vimos¹⁸. Este facto é tangível e comprovável pelas mais de oitocentas edições de textos clássicos, que se difundiram por toda a Europa, no período entre 1460-1620¹⁹.

The history of rhetoric is inevitably a history of textbooks [...] Rhetoric was usually given an important place in humanist educational programmes, as the culmination of the study of Latin language and literature which occupied the years of schooling. [...] From the earliest stage of learning grammar there was an emphasis on elegant phrasing and on techniques for composing Latin prose. Teachers of literary texts often reinforced pupil's understanding of rhetorical theory by commenting on the use of tropes, figures, amplification and structure. [...] There was a core of texts in which most schoolboys across Europe would have done some reading: **Cicero's Epistles, De officiis, and Orations, Terence, Virgil's Eclogues and Aeneid, Ovid, Horace. Composition exercises were linked both to pupil's reading and to composition manuals. [...] Renaissance dialectic was an important driver for change in rhetoric. Renaissance rhetoric textbooks can be divided into five main genres: Alongside the manuals covering the whole of rhetoric (1) and dialectic (2), the handbook of tropes and figures (3) and the letter-writing manual (4), finally an extensive group of preaching manuals (5).**²⁰

A partir da citação de P. Mack, para não alargarmos o presente trabalho numa empresa demasiado hercúlea, iremos circunscrever a nossa análise a estes manuais de tropos e figuras. Assumiremos assim como escopo as seguintes obras humanistas: *Repastinatio dialecticae et philosophiae* de Lorenzo Valla, *De inventione dialectica* de Rodolfo Agricola, *De copia* de Erasmo de Roterdão, *Elementa rhetorices* de Philipp Melancthon, *De*

¹⁷ Alguns trabalhos sobre a educação e pedagogia no Renascimento: W. WOODWARD, *Studies in Education during the Age of the Renaissance*, Cambridge, 1906; A.T. GRAFTON and L. JARDINE, *From Humanism to the Humanities*, London, 1986.

¹⁸ Cf. 'Through philosophy we can acquire correct views, which is of the first important in everything: through eloquence we can speak with weight and polish, which is the one skill that most effectively wins over the minds of the multitude, but history helps us with both', KALLENDORF, *Humanist Educational Treatises*, 48-9.

¹⁹ P.O. KRISTELLER, 'The Humanistic Movement', *Renaissance Thought and its Sources*, NY, 1979, pp 21-32; ver ainda a propósito L.D. GREEN and J.J. MURPHY, 2006.

²⁰ PETER MACK, *A History of Renaissance Rhetoric 1380-1620*, Oxford University Press, New York, 2011, p 6.

ratione dicendi, de Luis Vives e a *Collectanea Moralis Philosophiae* de Frei Luis de Granada. A primeira questão que se impõe: quais os traços que comungam e quais as suas particularidades?

Para respondermos a esta questão, teremos que invocar a obra de F. Buisson, *Répertoire des ouvrages pédagogiques du XVI siècle*, que apresenta uma classificação cuidada de várias produções humanistas. O autor afirma a respeito deste acervo que ‘ce merveilleux essor de l’instruction, nous sommes habitués à le rattacher à deux grands noms, qui, en effet, éclipsent tous les autres: Érasme et Melanchthon’²¹. Terence Cave por sua vez acresce:

bien plus proche d’Érasme est Rodolphe Agricola, l’un des principaux érudits par l’entremise desquels les desseins et les méthodes d’humanistes italiens comme Lorenzo Valla, gagnèrent les milieux culturels de l’Europe du Nord à la fin du XV siècle. Agricola envisage un processus constant d’absorption et de re-production créatrice.²²

Reunem-se, portanto, consensos relativamente ao mérito destes humanistas – Erasmo, Melanchthon, Agricola e Valla – e quanto à inspiração que suscitaram em muitos outros. Vejamos, agora com mais rigor e a partir de uma sistematização de traços, algumas particularidades destas obras, que darão sustentabilidade e fundamento às teses seguintes (Quadro 1).

A resposta quanto à aproximação destes autores parece-nos subliminar e prende-se, precisamente, com estes manuais de tropos e figuras, de teor dialéctico-filosófico. Este aspecto exige que recuperemos alguns aspectos conhecidos das controvérsias mais acesas deste período, o confronto da retórica com a dialéctica e a circunscrição dos seus domínios. Erasmo no seu *Ciceronianus* (1528) deu voz e protagonizou uma das polémicas mais acesas do século XVI, uma querela que dilatou a sua acção pelos meandros literários, retóricos e estéticos e até religiosos, em torno do polémico conceito de *imitatio* num espectro de variação de ecletismo e composição do estilo e da língua de Cícero²³. Neste ambiente polifónico, de encontros e confrontos de várias perspectivas, emergiam e conviveram dois ideais distintos: (a) por um lado havia humanistas que outorgavam a supremacia da Retórica e consequente subordinação da Dialéctica; (b) por outro havia quem defendesse a supremacia de Dialéctica, que deveria ascender sobre os domínios da Retórica.

²¹ F. BUISSON, *Répertoire des ouvrages pédagogiques du XVI siècle*, Nieuwoop, B. De Graaf, Paris, 1968, p.vi

²² Terence Cave, 1997, p. 40.

²³ Esta querela fez correr muita tinta e muitos foram os estudiosos que sobre ela se dedicaram

	VALLA VIVES	AGRICOLA	GRANADA	MELANCHTHON	ERASMO
Ouvrages de mnémotechnie	—	—	—	—	—
Art épistolaire	— +	—	—	—	+
Art oratoire: discours	+ +	+	— ²⁴	+	+
Histoire	— —	—	—	+	+
Colloques et dialogues	— +	—	—	—	+
Emblèmes et fables	— —	—	—	—	—
Poésie morale	— —	—	—	—	—
Éducation générale	— +	—	—	+	+
Dialectique et philosophie	+ +	+	+	+	+
Encyclopédie et divers	— —	—	—	—	—

QUADRO 1. Classificação das obras humanistas quanto ao seu conteúdo: sua *res e copia argumentorum*.²⁵

e dedicam. Mais recentemente foram proferidas duas conferências clarividentes sobre o fenómeno pela Prof. Doutora Elaine Sartorelli a propósito desta polémica erasmiana *Ciceronianus*, uma no congresso da *Internacional Society for History of Rhetoric* (Julho de 2011) e a outra teve lugar no XVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (Outubro de 2011).

²⁴ A negatividade deste traço é questionável se atendermos ao compto geral da produção literária do autor, nota passível de ser explorada num outro espaço e num futuro contexto. A este propósito, encontra-se *in fieri* a tese de doutoramento de Ana I.C. Martins, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sobre a *Collectanea Moralis Philosophiae* do dominicano Frei Luis de Granada. Esta primeira leitura da obra, com movimentações pelas Retórica, Pedagogia e Génese Literárias, pretende dar resposta a esta e levantar muitas outras questões, sob orientação da Professora Doutora Nair de Nazaré Castro Soares.

²⁵ Quadro construído e adaptado a partir das categorias apresentadas por F. BUISSON, *Repertoire des ouvrages pédagogiques du XVI siècle*, com o objectivo de sistematizar alguns traços comuns e distintivos das obras humanistas.

Na prática os pressupostos distinguiam-se e se os mentores da primeira facção faziam a apologia da *latinitas* e da pureza rigorosa da língua, assumindo o primado da forma, do outro lado reforça-se a tónica sobre o conteúdo e substância, tomando a filosofia como prioridade, fosse sua expressão latina ou em qualquer outra língua vernácula. A unidade orgânica da retórica – *docere, delectare e movere* – foi igualmente repensada por parte dos dialécticos. Estes reclamam a *inventio* e a *dispositio* e creem nas funções *docere* e *movere* adscritas aos seus domínios, relegando para os domínios da Retórica a função de deleite, articuladas com a *memoria* e da *elocutio*.

O Humanismo dos séculos XV e XVI caracterizou-se pelo primor das disciplinas da linguagem – Gramática e Retórica – integradas no *trivium*²⁶ e pertencentes ao plano curricular dos *studia humanitatis*, já provenientes do *curriculum* de estudos medievais. Contudo, houve uma reestruturação e desta forma a Retórica ascendeu sobre a Dialéctica, reaproveitando e rentabilizando algumas das suas funções e características – as que considerava mais importantes – e relegando a *ars bene dicendi* para um lugar subalterno²⁷. Humanistas como Salutati (1331-1406) – discípulo de Petrarca – ou como Luis Vives²⁸ e Melachthon (1497-1560)²⁹ acreditavam na fertilidade desta relação de concorrência para a produção literária. Outros como Lorenzo Valla e Angelo Poliziano tomaram antes partido da doutrina que absorvia a Dialéctica na Retórica. Formou-se ainda uma terceira facção que a partir das partes essenciais da Retórica (*inventio* e *dispositio*) criaram uma nova Dialéctica, que aglutinava a

²⁶ Salutati numa carta dirigida a Frei Giovanni Dominici, propõe um amplo e consistente plano de estudos para religiosos onde assumem preponderância as disciplinas do *trivium*, insistindo na necessidade da Gramática para o entendimentos das Escrituras, da Lógica para se defender com pertinência e fundamento, finalmente a Retórica para persuadir e mover à acção – ver C. SALUTATI, *Epistolario*, vol. IV, p 223.

²⁷ Ver PETER MACK, *Renaissance Argument. Valla and Agricola in the Traditions of Rhetoric and Dialectic*, E.J.Brill, Leiden-N.Y-Koln, 1993.

²⁸ O humanista valenciano pressupõe a complementaridade entre a Gramática, a Dialéctica e a Retórica, recorrendo a seguinte metáfora: *in hoc velut sermonis aedificio, Grammatica caedat ligna, et lapides, Dialectica domum erigat, Rhetor condat civitatem. Grammatica usque ad verborum coniunctionem progrediatur, Dialectica usque ad argumentationem, Rhetorica usque ad sermonem et, quod exactius est, orationem*, in J.L.VIVES, *De causis corruptarum artium*, lib. III, cap. I, ed bilingue latim-alemão de E.Hidalgo-Serna, Fink, München, 1990, p 111.

²⁹ Incentiva o estudo das *artes dicendi*, propondo a retórica como uma sabedoria prudencial. Ver PHILIPP MELANCHTHON, *Encomion Eloquentiae*, in *Corpus Reformatorum*, ed. C.Bretschneider, Halis Saxonom, 1843, vol XI, p 55.

ornatus e a *elocutio* – Rodolfo Agricola³⁰, Pedro Ramo³¹ e Cipriano³².

Apesar da diferente intensificação de traços e da pouca unanimidade, a verdade é que todos se debatem pelo mesmo ideal, a indissociabilidade da filosofia e da retórica, da *res et uerba* que, neste diálogo a quatro mãos, estabelecem uma relação ora de conflito, ora de complementaridade. Se quisermos sistematizar há três momentos distintos e coexistentes:

- a) A retoricização do pensamento filosófico, uma tendência anunciada desde a primeira geração de humanistas italiana (Petrarca, Salutati e Bruni), consolidada por Lorenzo Valla (1407-1406) e Angelo Poliziano e que atinge o seu máximo esplendor no século XVI.
- b) A querela entre a Filosofia e a Retórica, personificada por Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) e Ermolao Barbaro, no final do século XV, e que persiste pelo século seguinte com Luis Vives (1492-1540) e Philipp Melachthon (1497-1560) e em Francesco Patrizi.
- c) A recessão da Retórica face a novas dialécticas de Rodolfo Agricola (1444-1485), Luis Vives (1492-1540) e de Pedro Ramo (1515-1572) com consequente subalternização e redução a uma doutrina de efeitos literários, de tropos e figuras discursivas.

A polifonia de vozes, a multiplicidade de tendências que se multiplicam, profusamente, a tecitura de concorrência e complementaridade retratam toda a mundividência renascentista. A inesgotabilidade de leituras e problematizações instiga uma análise mais primorosa e isolada de cada uma destas obras, no seu panorama historiográfico. A interpretação da sua estrutura mais profunda delinearía as nuances e outras tantas singularidades deste período, apuraria o mérito e o contributo individual de cada humanista mas não sendo possível neste sopro talvez num de maior fôlego. Apesar de tudo, numa mesma direcção todos convergiam em unísono, a mesma que justifica e sustenta a perenidade e actualidade

³⁰ RODOLF AGRICOLA, *De inventione dialéctica libri três (ed princ.1515)*, ed. crítica e trad. Alemã de Lothar Mundt, Max Niemeyer, Tübingen, 1992. Veja-se a propósito KEES MEERHOFF, 'Agricola et Ramus – Dialectique et Rhétorique' in F. AKKERMAN; A. J. VANDERJAGT (eds.), 'Rodolphus Agricola Phrisius 1444-1485', *Proceedings of the International Conference at the University of Groningen 28-30 October 1985*, Leiden-New York-Kopenhagen, E.J.Brill, 1988.

³¹ J.J.MURPHY, C.NEWLANDS (eds.), *Arguments in Rhetoric Against Quintilian: Translation and Text of Peter Ramus's Rhetoricae distinctiones in Quintilianum* (1549), Northern Illinois University Press, 1986, p. 184.

³² Ver CIPRIANO SOARES, *De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano praecipue de prompti*, Conimbricae, 1562, Proemium.

desta herança, expressa nas palavras de Luis Vives, no seu *Introducción a la sabiduría* (1524):

El premio del estudio no es el dinero ni la posición, sino la cultura del espíritu, que es cosa del más excelso e incomparable valor, puesto que el joven debe llegar a ser, mediante una buena enseñanza, más instruído y más virtuoso.

TITLE. *The Reception of epistemic world of Antiquity in Renaissance historiography (humanist performance): collectaneas and loci communes.*

ABSTRACT. The epistemic world of Renaissance has its aesthetic, literary rhetorical and philosophical roots in a classic matrix and its textual patterns. In this flourishing period, the encounter and the diffusion of various translations of ancient authors becomes progressively expressive and assumes itself as the central vector of historiographic thought. The *imitatio* is a mechanism subsidiary of these *loci communes*, converted as a *uox universalis* and indispensable at the service of the *paideia* and rhetorical *performance*, transmitted by the teaching institution of *Ratio Studiorum*. The literature of the Renaissance, an expression of the humanist awareness, show a different formal wealth, with the renewing of ideological assumptions and in the return to philologic purity of the *latinitas*. Thus, subjects like rhetoric and dialectic and their relation put into action a promising conciliation of *res* and *verba*.

KEYWORDS. *Imitatio*; rhetoric performance; *loci communes*; philological principle; *res et uerba*.